

**PORTO BRANDÃO: UMA COMUNIDADE INSERIDA NO PANTANAL DE  
BARÃO DE MELGAÇO - SUA HISTÓRIA, SEUS VALORES E SUA GENTE**

SEBASTIANA LINDAURA DE A. REIS<sup>1</sup> e GERMANO GUARIM NETO<sup>2</sup>

RESUMO: O homem existe por causa de um ambiente no qual evoluiu e que o sustentou até os dias atuais. Procurou-se realizar o estudo dos sujeitos sociais de uma comunidade ribeirinha de Porto Brandão, município de Barão de Melgaço, Mato Grosso, e suas relações com o meio natural. Utilizou, para tanto, as técnicas de pesquisa participante. Porto Brandão abriga uma população tradicional, onde as principais atividades são a lavoura de subsistência e a pesca. É um ecocomplexo com os seguintes ecossistemas: rios, baías, áreas alagáveis, mata ciliar e campo.

---

<sup>1</sup> Mestra - Bióloga do Inst. de Biociências/UFMT

<sup>2</sup> Prof<sup>o</sup> Dr. Instituto de Biociências/UFMT

**BRANDÃO PORT: A COMMUNITY INSIDE THE PANTANAL OF BARÃO DE  
MELGAÇO - ITS HISTORY, VALUES AND ITS PEOPLE**

ABSTRACT: Man exists and gathers everything for its survival from nature. In this project a riparian community of Brandão Port (Barão de Melgaço District) was studied regarding its relationship with nature. Brandão Port has a traditional population, that live mainly by subsistence agriculture and fishing. It is an eco-complex system with rivers, flooded areas, riparian forest and natural fields.

## INTRODUÇÃO

No largo período de vida pré-agrícola, avaliado em meio milhão de anos, o homem dominara o fogo, aprendera a fabricar instrumentos de trabalho que compensavam suas carências físicas com meios de ataque e defesa, e aumentavam sua eficiência produtiva. Desenvolvera idiomas, criara instituições sociais reguladoras da vida familiar e grupal e intensificadoras, do sentido de lealdade étnica. Acumulara patrimônios de saber e de crenças que explicavam sua experiência e orientavam sua ação, bem como fantasmagorias, por meio das quais procurava alcançar segurança emocional em face do risco a que estava sujeito e dos quais se tornara consciente, como a dor e a morte (Ribeiro, 1985).

A forma pela qual os homens participam de qualquer ecossistema depende não só da estrutura e composição do ecossistema, mas também da bagagem cultural dos que entram nele, daquilo que eles e seus descendentes recebem, em seguida, por difusão ou por invenção própria, das exigências externas impostas à população local e das necessidades cuja satisfação a população local tem de procurar fora (Shapiro, 1982).

No Brasil, vivem populações indígenas, ribeirinhas, extrativistas, de pescadores artesanais, portadores de uma cultura, de mitos próprios e de relações com o mundo natural distintas daquelas existentes nas sociedades urbano-industriais. Essas comunidades sociais, possuidoras dessas características, detêm um conhecimento profundo dos ecossistemas de que fazem parte, o que permite a sua produção e reprodução social no tempo, bem como a manutenção e conservação dos próprios recursos naturais de que dependem para sobreviver.

Em Mato Grosso, há comunidades pantaneiras e ribeirinhas do Pantanal Mato-Grossense, de pequenos produtores, constituídas no período colonial, freqüentemente nos interstícios da monocultura e de outros ciclos naturais, com conhecimentos profundos dos ciclos biológicos e dos recursos naturais, com uma grande diversidade cultural. As influências geográficas e o próprio clima, modelaram os aspectos materiais, sociais e culturais do homem pantaneiro, que há mais de um século habita essa região, aprendeu a conviver em harmonia com o "seu mundo" inundado, úmido e seco. Sua perfeita integração ao meio sociocultural estimulou-o a dialogar com a natureza e a

respeitá-la como patrimônio comum. Faz desse mundo objeto conceitual de referência, necessário à sua sobrevivência, e, mais que isso, produziu um espaço interativo onde as ações refletem-se e perpetuam-se no conhecimento acumulado que é repassado aos seus descendentes, em uma visão que a academia considera holística.

A região pantaneira apresenta uma realidade socioeconômica e ambiental ainda pouco conhecida, no que se refere, especialmente, à forma como as populações locais relacionam-se com os recursos naturais ali existentes, em suas múltiplas dimensões. Sabe-se, todavia, que vive nessa área, ao longo do tempo, uma população significativa que depende, além dos produtos agrícolas, de peixes, para a sua reprodução social e que, tradicionalmente, desenvolve um estilo de vida próprio decorrente da forma de se apropriar do espaço e dos recursos naturais.

Dentro desse quadro, e, considerando-se um conjunto de fatores externos que vem interferindo no processo de reprodução da via físico-social, buscou-se explicitar elementos que auxiliem na caracterização socioecológica e cultural de Porto Brandão, área pantaneira, objeto deste estudo.

Procurou-se, nesta pesquisa, considerar o indivíduo como elemento central do sistema, avaliando os fatores sociais, econômicos, técnicos e políticos que influem na forma como utilizam os recursos naturais, bem como o processo de transmissão de conhecimento (formal e informal).

## **MATERIAL E MÉTODOS**

O estudo partiu da análise do indivíduo que compõe socialmente a comunidade, não deixando de considerá-lo como um elemento portador de cultura, com suas tradições, onde há um conjunto de mecanismos próprios, derivado de um longo processo de observação, experimentação e assimilação dos recursos naturais da sua região, constituindo, assim, a sociedade da qual faz parte.

No estudo, procurou-se utilizar de instrumentos que permitissem a construção de metodologia para analisar a realidade e as informações necessárias e suficientes da situação particular e o contexto social global no qual a comunidade está inserida. Para

melhor atender os objetivos de uma pesquisa participante, o estudo foi desenvolvido, conforme apresentado a seguir:

- a) a análise das interações do homem pantaneiro com a natureza consistiu em: seleção da região sujeita à sazonalidade do rio Cuiabá, no Pantanal de Mato Grosso; conhecimento do ponto de vista dos indivíduos e dos grupos da região estudada; delimitação da área a ser estudada; obtenção dos dados na comunidade e os referenciais metodológicos;
- b) visando a conhecer as relações da comunidade com o meio ambiente, suas manifestações naturais, políticas, econômicas, sociais e culturais, foram utilizados os seguintes instrumentos de pesquisa: observação sistemática e participante (segundo Melo, 1986); questionário e entrevistas semi-estruturadas; história de vida.

## **RESULTADO E DISCUSSÃO**

O Pantanal de Barão de Melgaço limita-se, ao norte, com uma linha imaginária que cruza a própria cidade; ao sul, o pantanal de Paiaguás, ambos separados pelo rio Piquiri; a leste, o planalto central e, a oeste, o pantanal de Poconé, servindo aí o rio Cuiabá como divisor de águas (Allem e Valls, 1987). Sua área é de 18.503 km<sup>2</sup>, e faz limite com os municípios de Santo Antônio do Leverger, Itiquira, Cáceres, Nossa Senhora do Livramento, Poconé e, no Estado de Mato Grosso do Sul, com o município de Corumbá. Tem uma população de, aproximadamente, 9.000 habitantes, sendo que 80% estão na zona rural. Encravado no seio do Pantanal Mato-Grossense, Porto Brandão localiza-se a 30 km a jusante da sede de Barão de Melgaço. Limita-se, a leste, com o rio Piraim, ao norte, com Porto São João; ao sul, na margem direita, com a Fazenda Flexas (antiga Usina Flexas) e, na margem esquerda, com a baía Chacororé (FIG. 1).

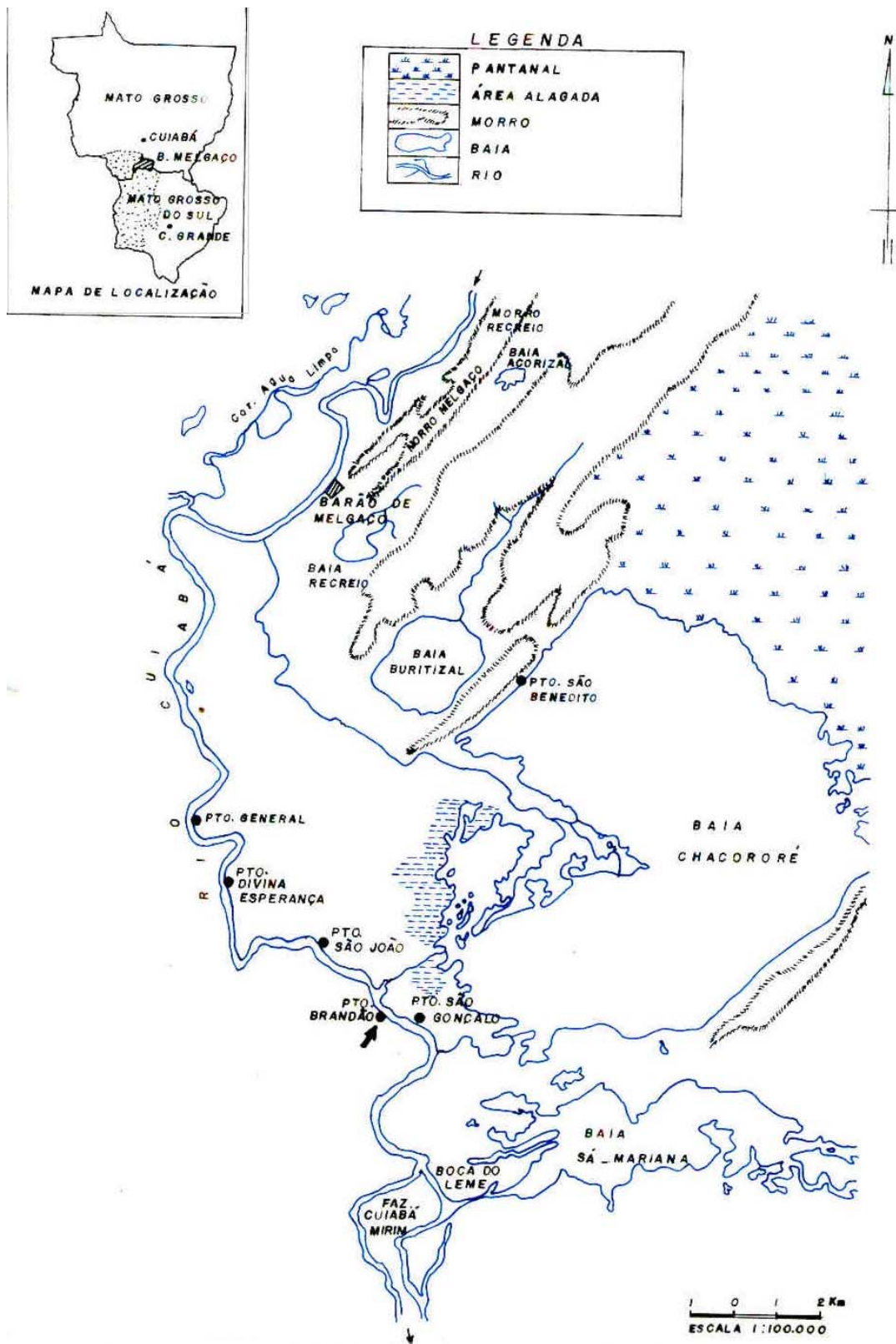


FIG. 1. Localização da comunidade.

A comunidade de Porto Brandão encontra-se localizada às margens do rio Cuiabá, que exerce influência na paisagem pantaneira (FIG. 2). É um ecocomplexo que possui os seguintes ecossistemas: rio, baías, áreas alagáveis, mata ciliar e campo. Trata-se também de um mosaico florístico, vegetacional, zoológico e humano.



FIG. 2. Vista geral da comunidade.

### *Os Ecossistemas de Porto Brandão e seus usos*

#### **O RIO**

O rio Cuiabá é meândrico, sofre no seu desenvolvimento mudanças no curso principal, procurando abrir novos caminhos e abandonando partes de seu leito tradicional (Da Silva e Silva, 1995).

As margens do rio Cuiabá são de topografia plana e parte do seu terreno sofre inundações na época da cheia. Existe, habitando essas margens, como parte integrante do bioma pantaneiro, entre outras, a população ribeirinha de Porto Brandão, distante dos centros urbanos, sem acesso terrestre durante as cheias e vazante, existindo, no período da seca, uma estrada que liga Porto São João ao município de Barão de Melgaço, com cerca de 28 km, em péssimo estado de conservação. Essa população, que historicamente habita essa região, convive com a influência dos dois elementos da extensa planície pantaneira: a água e a terra, ocupando os espaços internos (terra firme), apropriando-se dos recursos naturais daí advindos, distribuindo, assim, suas atividades de acordo com o ciclo das águas (cheia - vazante e seca). O local é banhado pelos rios Piraim e Cuiabá. O rio Cuiabá é considerado como o principal rio para a região, pois é dele que a população sobrevive. O rio Piraim é um dos afluentes do rio Cuiabá, situado ao sul da localidade de Porto Brandão, servindo como divisor de águas, contribuindo com o aumento dos níveis de água no rio Cuiabá, aumentando as inundações no local.

A saída das águas do rio Cuiabá ocorre, inicialmente, pelas "bocas" - foz das pequenas drenagens, como córregos ou sangradouros - que dão acesso às baías e áreas alagáveis. Na cheia, a água ultrapassa os diques marginais em direção às planícies alagáveis. Com o retorno ao leito principal na vazante, estas que foram intensamente fertilizadas são utilizadas para a agricultura.

Na área onde está localizada a comunidade de Porto Brandão, os moradores dividem o rio Cuiabá nas seguintes unidades: o poço, a pedreira ou cangueiro, o baixio ou praia, o canal, a boca e o barranco.

A bacia do rio Cuiabá é extremamente rica em peixes. A população de Porto Brandão possui um vasto e profundo conhecimento repassado de pai para filho, dos diferentes peixes existentes, do ciclo reprodutivo, dos habitats, da localização.

## **AS BAÍAS**

Porto Brandão situa-se nas proximidades das baías Chacororé e Sá Mariana. As duas estão ligadas ao rio Cuiabá durante as cheias e vazantes pelas "bocas". Uma das



bocas que liga a baía Chacororé ao rio Cuiabá é chamada de "boca do Ciríaco", cortando à margem esquerda a comunidade de Porto Brandão (FIG. 1).

As bocas são importantes ecossistemas para os pescadores e à população em geral, porque são utilizadas como via de comunicação mais próxima da localidade de Mimoso e para quem pretende pegar condução mais rápida para a Capital.

Na vazante, as "bocas" também funcionam como um corredor natural para os peixes que deixam os campos e as baías para chegarem ao leito do rio. Nesse período, há uma concentração elevada de pescadores, tanto do local como de outras regiões que procuram esse tipo de ambiente para pescarem.

A população utiliza ainda a "boca" para chegar até as roças que são feitas nas proximidades da baía, ou então, para ir até aos currais onde cria as vacas leiteiras. No período da seca, a baía perde a ligação com o rio, pois existem alguns pontos da boca que secam, dificultando o acesso com embarcações motorizadas, sendo realizado somente com canoa.

A baía Sá Mariana é alimentada pelo rio Mutum e constitui um alargamento desse rio, suas águas são de coloração escura, o que favorece a penetração de luz em quase toda sua profundidade, enquanto a baía Chacororé, por ser mais rasa, apresenta-se turbida, de cor esbranquiçada, em função de ressuspensão do sedimento pelo vento. A baía Chacororé apresenta extensas áreas alagáveis que, após a grande cheia de 1974, ficaram permanentemente alagadas (Da Silva e Silva, 1995).

*"O peixe da água suja, como o da baía Chacororé, ele é fácil de apodrecer... Inclusive, naquela baía de lá (Sinhá Mariana), na seca, pega o peixe, porque a água é limpa, e aqui, nessa baía de cá (Chacororé), não pega o peixe, porque a água é suja. (pescador de Porto Brandão).*

## **VEGETAÇÃO**

Por influência do ciclo da cana-de-açúcar na região, a mata ciliar encontra-se alterada, com formação de mata secundária, em consequência do uso antrópico pelas gerações, resultando a existência de capoeiras e capoeirões em estado secundário de sucessão, como também campo inundado, campo limpo e outros.

"Quando a terra está em descanso nasce essa embaúba, aquele... sarã, esse aqui dá muito. ...  
Nasce cabaceira, catinguento."

O campo limpo está constituído por áreas de pasto, situado nos fundos das propriedades, onde se criam animais de pequeno porte, geralmente onde estão os currais. A maioria da vegetação nativa foi derrubada para dar lugar às plantas frutíferas, como mangueira, laranjeira, ateira, limoeiro, goiabeira, ficando, ainda, algumas espécies remanescentes.

Os campos inundáveis são considerados como brejos, áreas que ficam constantemente com água, mesmo na época da seca. Há nesse ambiente muito capim e sarã (*Maytenus cf. ilicifolia* Mart. Ex. Reiss), erva-de-bicho (*Polygonum punctatum* Elliot.), aguapés (*Eichornia* sp.), chapéu-de-couro (*Echinodorus macrophyllus*), algodoeiro (*Ipomea* sp.), casa-de-sapo (Pontederiaceae).

A vegetação aquática não é tão abundante. Os moradores costumam retirar os camalotes que vão se formando nos portos do rio em frente das casas, porque são considerados sujeiras, onde acumulam insetos e são esconderijos de animais perigosos, como rapa-canua, que se enterra, geralmente, embaixo das raízes do aguapé, causando na época da seca acidentes tanto para os mais velhos como para as crianças que costumam andar descalças e é muito comum serem ferroados pelo peixe; o jacaré, que faz os seus ninhos nesses camalotes no período das águas, e a arraia, que se enterra na areia embaixo dos camalotes, causando acidentes. Hoje, os moradores não retiram mais a vegetação aquática; segundo eles, essa vegetação evita a erosão, a maioria vem plantando o sarã, o algodoeiro e o pateiro, pois essas espécies seguram o barranco e não acumulam muita sujeira, porque possuem os galhos mais abertos.

Para os mais antigos, o desmatamento da margem do rio foi realizado pelos mais jovens. Para eles, antigamente existia muita mata na margem do rio; hoje, as pessoas desmataram tudo porque consideram a mata como "sujeira", servindo de abrigo para bichos perigosos e insetos e, também, limpando as margens do rio, facilita o acesso até às casas, fica mais fácil de apanhar a água e a roça de vazante também é mais fácil.

## FAUNA

Porto Brandão possui uma riqueza faunística com ampla distribuição oriunda dos planaltos e das terras baixas. Na região, os representantes da fauna distribuem-se de forma dinâmica, acompanhando os ciclo das águas. A planície do Pantanal, principalmente na região de Porto Brandão, afirmado por Brown (1986), serve como corredor de dispersão (papel principal), barreira à dispersão (secundário) e criadouro importante para muitos animais.

Há na região as mais variadas espécies de animais, desde de invertebrados até vertebrados. Animais pequenos e abundantes não faltam no Pantanal. De fato, representam a base da alimentação de alguns vertebrados mais abundantes (tais como caracóis, larvas de certos insetos aquáticos ou terrestres, crustáceos, ácaros, alguns coleópteros). Dos invertebrados, existe diversificação de insetos, moluscos e crustáceos. Dos moluscos, foi citado o caramujo (*Pomacea* sp. e *Biomphalaria*). Dos crustáceos, são encontrados o camarão de água doce (*Macrobrachium amazonicum* e *Palaeomonetes ivonicus*), conhecidos pela população de Porto Brandão por sartão. Há, também, o grupo dos caranguejos que, além de terem valor comercial para o local, por serem vendidos para a casa de iscas, são também muito usados na pescaria, principalmente de pacu. Destacam-se, ainda, os peixes, répteis, aves, roedores e mamíferos.

A região em estudo é viveiro natural para as mais diversas espécies de aves, constituindo, depois dos peixes, o grupo zoológico mais conhecido pela população. Ha por parte dos moradores em Porto Brandão um grande respeito e admiração pelas aves, contribuindo, assim, na preservação de muitas espécies em extinção que utilizam o local para a nidificação.

Dentre os mamíferos, há uma população representativa de capivara, caititu, macacos. É costume ocorrer a caça desses animais silvestres, principalmente pelo valor da sua carne e da pele. No Pantanal, as altas densidades populacionais dos mamíferos estão representadas pelo grupo da capivara, encontrada durante a estação chuvosa de janeiro a abril, nos habitats onde as cordilheiras ou capões, a área de forrageamento ou campo e as proximidades da água das baías ou corixos estão presentes. Essas altas

densidades são, principalmente, pela disponibilidade reduzida de espaço para as capivaras durante a época da cheia, quando grande parte dos campos estão inundados. Os animais ficam, assim, mais agregados no espaço disponível. Como a capivara é um mamífero herbívoro de hábitos aquáticos, é muito comum encontrá-la forrageando nos campos próximos à baía e capões. Com a ocupação humana na região de Porto Brandão, os capões foram sendo substituído por lavoura, fazendo com que as capivaras ficassem mais aglomeradas nesses locais. Para os moradores, a capivara é prejudicial para o local, porque muitas vezes elas atacam e destroem toda a sua lavoura.

## **USOS DOS RECURSOS NATURAIS**

Vivendo e dependendo da planície pantaneira, a população de Porto Brandão convive, anualmente, com as variações do ciclo da água, possuindo, assim, a noção de espaço ou territorialidade, utilizando desse conhecimento para o domínio da terra e da água, tanto para fins materiais como culturais. O território é definido como sendo uma porção da natureza sobre o qual uma determinada sociedade reivindica e garante a todos, ou a uma parte de seus membros, direitos estáveis de acesso, controle ou uso sobre a totalidade ou parte dos recursos naturais aí existentes que ele deseja ou é capaz de utilizar. Essa porção do mundo natural são:

- a) os meios de subsistência;
- b) os meios de trabalho e produção; e
- c) os meios de produzir os aspectos materiais das relações sociais (Diegues, 1994).

Tanto a terra como a água constituem domínios naturais e sociais dos quais a população de Porto Brandão, no tempo e no espaço, vem extraindo dos recursos naturais, aí encontrados (rio, mata e baía), as principais fontes para a construção econômica e social.

Então, a população utiliza o rio em toda a sua extensão, tanto vertical quanto horizontal, a baía, a mata e as áreas para fins agrícolas. A exploração desses habitats exige não só um conhecimento aprofundado dos recursos naturais, das épocas de

reprodução das espécies, mas a utilização de um calendário complexo dentro do qual se ajustam, com maior ou menor integração, os diversos usos dos ecossistemas.

Mesmo possuindo vasto conhecimento e práticas tradicionais, como roças de subsistência, produção de farinha e rapadura, pesca artesanal, criação de animais domésticos, os ecossistemas da região não estão em estado constante de "conservação". Por causa das constantes práticas culturais realizadas desde muito tempo, tornaram o ambiente muito alterado, como é o caso dos desmatamentos da margem do rio e da vegetação nativa. Há, ainda, muitos recursos naturais com relativo grau de conservação, frutos das práticas culturais trazidas de longo e profundo conhecimento dos processos ecológicos da região.

Em Porto Brandão, a população explora uma multiplicidade de habitats, existindo em cada um, espaços internos com microambientes próprios explorados de forma complexa e distintas. Há uma perfeita distinção das zonas ecológicas, o comportamento e a biologia dos animais silvestres, os habitats e conhecimento da grande variedade de plantas nos mais variados microambientes, bem como os fenômenos naturais que favorecem ou prejudicam as atividades da pesca, como também o conhecimento do período que devem ocorrer o plantio ou a colheita de determinada espécie.

## **A PESCA EM PORTO BRANDÃO**

### Organização Social dos Pescadores de Porto Brandão

Os pescadores de Porto Brandão agrupam-se em três formas, pelas quais o trabalho produtivo na pesca se organizam:

- a) pescador de auto-subsistência;
- b) pescador-lavrador;
- c) pescador profissional(artesanal).

O pescador que realiza a pesca de auto-subsistência é aquele que vive, exclusivamente, da lavoura; a pesca só é realizada para satisfazer o consumo da família. Esse pescador, mesmo tendo a lavoura com a atividade principal, é conhecedor da dinâmica do rio, das espécies que ocorrem, das migrações e dos seus principais habitats. Nesse grupo, segundo Diegues (1995), ocorre uma economia de troca, onde só existe a produção de valores de uso.

Na comunidade, geralmente, a população mais velha é que se enquadra nesse padrão. Para eles, a pesca é só para o consumo e/ou para dividir entre parentes e vizinhos. A maioria desse grupo dedica a maior parte de sua atividade na lavoura ou outra atividade, como confecção de barcos, móveis e rapadura.

*"Sou contra essa pescaria de rede. Deus deixou o peixe para consumir para o alimento do nosso trabalho".* (Sr. Eugênio S. Brandão).

O pescador-lavrador dedica parte do dia nos afazeres da lavoura e, no final da tarde, sai para a pescaria; o horário varia com o ciclo das águas e com a sua necessidade. A atividade pesqueira desse grupo inscreve-se dentro de atividades predominantemente agrícolas que constituem a base de subsistência e organização social desses pescadores. O calendário complexo das atividades econômicas, apesar de diversificado, tem a predominância agrícola. Em geral, os instrumentos de pesca, incluindo a rede, são feitos também com base no trabalho familiar. No que diz respeito aos instrumentos de trabalho, as embarcações, na sua maioria, não são motorizadas e o seu raio de ação é bastante limitado.

A pesca para o pescador-artesanal/profissional deixa de ser atividade complementar para se tornar como a principal. Nesse grupo, estão os pescadores registrados na colônia de pescadores, habilitados com carteira de pescador profissional, emitida pelos órgãos de fiscalização de meio ambiente (Fundação Estadual do Meio Ambiente - FEMA e Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA). Atualmente, essas funções ficaram atribuídas para a FEMA.

Os pescadores-artesanais vivem sob a frequência dos ciclos naturais, que determinam os períodos de aparecimento de certas espécies de pescado. A atividade pesqueira desse grupo passa a ser a principal fonte de renda e há um avanço tecnológico importante, como a introdução de embarcação motorizada, das redes de náilon, de

novos processos de conservação e transporte do pescado (Diegues, 1995). Dessa maneira, o pescador artesanal passa a se reproduzir e reproduzir suas condições de existência na pesca, voltada fundamentalmente para o comércio.

Além de ser um meio de trabalho, a embarcação é o único meio de transporte e de comunicação das comunidades vizinhas e com os centros urbanos.

Para dominar o rio surge, inicialmente, o uso de cascas de pau ou troncos de paus abertos pela ação do fogo, depois denominados canoas. As primeiras eram inteiriças, isto é, feitas com uma peça cujo tamanho variava de acordo com a capacidade da força humana em transformá-las em meio de locomoção (Ximenes,1992).

Em Porto Brandão, a embarcação mais utilizada tanto para o transporte quanto para a pesca é a canoa a remo. Na comunidade, há somente o Sr. Manoel Davino Rosa que confecciona há mais de quinze anos com madeira do local, como o louro, o cambará, o pau-de-óleo e canafístula. O cambará é encontrado, ainda no local, com facilidade; as demais, cada vez mais raras (FIG. 3).



FIG. 3. Ribeirinho em sua principal atividade.

As canoas são escavadas em um só tronco, com ferramentas simples, como o machado, enxadão e enxogoio (enxó), que levam em média, de dez a doze dias para serem confeccionadas, variando de 2 m a 5 m de comprimento. O instrumento propulsor é o remo que tende para a forma circular e é manejado por uma ou mais pessoas. As canoas custam em média R\$ 120,00 (cento e vinte reais) e o remo, mais curto, custa R\$10,00 (dez reais) e, o mais longo, R\$30,00 (trinta reais) (FIG. 4).

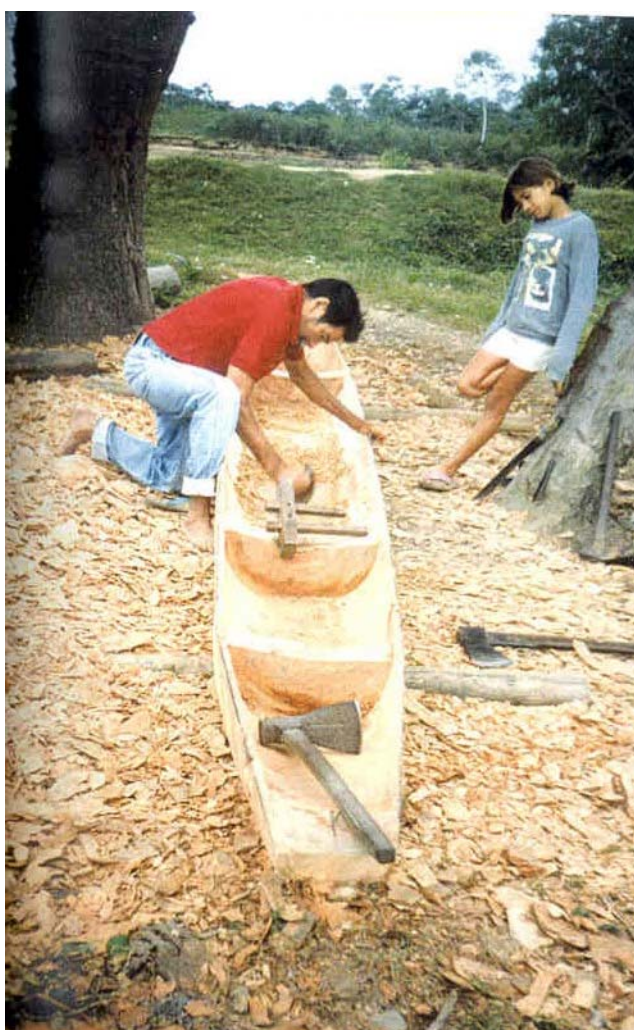


FIG. 4. Ribeirinho confeccionando canoa.

Além da canoa, usava-se também, na região, o batelão, canoa grande de até 15 metros, era muito usada na região, principalmente, para transporte de pessoas e de



cargas, também era feita de um só tronco e de capacidade para até mais de 2 mil quilos de carga. Hoje, esse tipo de embarcação não existe mais na região (FIG. 5).



FIG. 5. Primeiro meio de transporte.

As canoas, mesmo depois de rachadas, após anos de uso, prestam-se o último serviço. Erguida sobre duas forquilhas da altura de um metro, na margem do rio, cheia de terra, vira canteiro onde os ribeirinhos plantam os temperos que tornam o peixe mais apetitoso: coentro, salsa, cebolinha verde, pimenta, pimentão. Na velha canoa, essas preciosidades ficam a salvo das galinhas soltas nos quintais.

A pesca no local é mais intensificada durante a cheia e vazante, onde, nesse período, a rede e o anzol são os mais utilizados. É particularmente na vazante, no início, quando entram a baixar as águas no seu termo, quando principiam elas a subir, mas sobretudo no seu apogeu, que se realizam as pescarias. A quantidade de chuva registrada na região, é que vai determinar ao pescador, o período da lufada. Muitas vezes, quando cessam as chuvas, o rio começa a abaixar o volume de água, quando de repente, novas chuvas são registradas, o rio passa a subir. Esse processo muito comum na região é denominado de repiquete, atrasando, assim, a saída do peixe dos campos.

Os pescadores de Porto Brandão, nesse período (1995), descrevem com precisão o fenômeno do repiquete no local:

*"Agora em abril (1995), é início da lufada, já nos outros anos, neste tempo, já estava terminando. Este ano atrasou a lufada por causa do repiquete de agora. Quando o rio tá cheio assim, aí ele baixa assim, aí ele torna a encher de novo, aí vem o repiquete. O peixe agora, adivinham a água. Ainda falei prá patroa: "olha! essa água pro peixe não sair, é porque ainda vai encher. Os pessoá tava desmanchando o açude, eu ainda falei pro rapaz: "olha! não desmancha o açude porque a água ainda vem. Ele vai dar um repiquete alto, tá!, desmanchou o açude e a água veio até no açude de novo.*

## **A CAÇA**

Em todas as épocas do homem na terra, a caça existiu para atender as suas necessidades alimentares, atividade esta que despertou aos indivíduos o respeito aos hábitos das diversas espécies animais e a preservar seu hábitat.

A caça em Porto Brandão, no passado era realizada com dois objetivos: caça para fins lucrativos e para o consumo.

Da fauna hoje capturada continua sendo o caititu, o porco queixada, o tatu. As aves são também muito apreciadas, como a juruti, a rola, pomba, cabeça-seca, marreco.

Para a caça da fauna terrestre, são usadas as armas de fogo e sempre os pescadores estão acompanhados de um bom cachorro. As armadilhas, como a choça, que era feita de taquara (armadilha trançada com taquara em forma de uma pirâmide), é ainda utilizadas pelas crianças em Porto Brandão. Elas eram levantadas por uma haste e, no seu interior, colocados restos de alimentos, quando o pássaro ao entrar para se alimentar, derruba a haste e fica preso.

## **EXTRATIVISMO**

Antes da agricultura, o homem dependia de suas atividades como coletor e caçador para sobreviver. O homem podia consumir frutas que continham açúcares e vitaminas, sementes que continham óleo e raízes que proporcionavam alimentos como

fontes de hidrato de carbono, e a maior parte das proteínas provinha da carne (Baker, 1968).

O homem teve o controle dos recursos naturais para o abastecimento de sua alimentação. Ele começou a plantar, cultivar e aperfeiçoar, pela seleção, as ervas, raízes e árvores comestíveis. E conseguiu domesticar e colocar sob sua dependência certas espécies de animais, em troca de alimentos e da proteção (Childe, 1978).

No processo de ocupação da região de Porto Brandão, os primeiros moradores realizavam o extrativismo vegetal para a alimentação, construção de moradias, canoas para o transporte, lenha e remédios caseiros.

Com a influência da pecuária e cultivo da cana-de-açúcar, quase toda a vegetação foi substituída. Hoje, a comunidade retira das matas secundárias (capoeiras) os recursos necessários para atender às suas necessidades (alimentação, construções de casas, lenha e plantas medicinais).

TABELA 1. Relação das espécies vegetais e sua utilização.

NOME VULGAR	NOME CIENTÍFICO	UTILIZAÇÃO
Acuri	<i>Attalaea phalerata</i>	Telhado
Catingueiro	<i>Caesalpinia pyramidalis</i>	Lenha
Cipó-vermelho	<i>Doliocarpus</i> sp.	Construção e cerca
Cumbaru	<i>Dipteryx alata</i> Vog.	Barrrote
Embauva	<i>Cecropia pachystachya</i>	Chiqueiro
Gonçaleiro	<i>Astronium</i> sp.	Construção de casa
Ingarana	n.i	Mourão
Louro	<i>Cordia glabrata</i> D.C.	Remo e cocho
Paineira	<i>Chorisia</i> sp.	Madeiramento de casa
Parada	<i>Zantoxylum</i> sp.	Pescaria
Pau de novato	<i>Triplaris americana</i> L.	Mastro para festa
Pau-de-óleo	<i>Copaifera lansdorffi</i>	Canoa
Piuva	<i>Tabebuia decandra</i>	Canoa
Quirijuva	n.i	Barrote (construção de casa)
Taiúva	n.i	Barrote (construção de casa)
Taquara	<i>Guadua</i> sp.	Madeiramento de casa
Timbozinho	<i>Paullinia</i> sp.	Jacá e cerca
Ximbuva	<i>Enterolobium cortortisiliquum</i>	Pescaria
		Canoa e remo

n.i. = não identificada

## PORTO BRANDÃO E NATUREZA

A comunidade de Porto Brandão reproduz sua sociedade e sua cultura por meio de suas atividades econômicas e do uso dos recursos naturais.

Na comunidade são encontrados dois grupos sociais: um, pertence a um sistema econômico voltado para o lucro monetário, como é o caso dos pescadores profissionais, dependem dos recursos naturais, mas não têm idéia ou vontade de preservá-los; outro, a grande maioria, pertence ainda a um sistema de família tradicional e não há acumulações de bens e lucros, cuida melhor dos recursos naturais dos quais dependem para sobreviver, como é o caso dos lavradores e pescadores-lavradores.

A comunidade de Porto Brandão explora múltiplos habitats: a mata, de onde retiram a madeira para a construção de casa e fabricação de canoa e as plantas medicinais; os quintais, onde conservam algumas espécies vegetais remanescentes para sombra e para fins medicinais, cultivam as espécies frutíferas e ornamentais; o rio, de onde retiram o seu sustento, a água e o peixe; os corixos e bocas, que retiram em época certa o peixe para o consumo; a baía, recurso considerado por eles como o berçário, o reprodutor do peixes e as áreas já transformadas para fins agrícolas (capoeiras). A exploração desses diversos habitats exigem não só um conhecimento acentuado dos recursos naturais, dos períodos de reprodução, das espécies encontradas, e as atividades dessas espécies, como também utilizam um calendário complexo dentro do qual se ajustam no ciclo anual das chuvas, integrando os diversos usos dos ecossistemas.

Diegues(1993) considera que manejo dos recursos naturais nas populações tradicionais é dado pela existência dos conhecimentos adquiridos pela tradição herdada dos mais velhos, de mitos e simbologias que levam à manutenção e ao uso sustentado dos ecossistemas naturais.

O meio de apropriação da natureza pela população de Porto Brandão dá-se em duas subdivisões: os recursos naturais nativos ou preservados e os recursos naturais alterados pela ação antrópica, deles, o ribeirinho extrai os elementos necessários para a sua sobrevivência.

A comunidade de Porto Brandão é, em larga escala, auto-suficiente e até certo ponto independente em relação à economia urbana. Produz seus próprios alimentos para o ano, seja na agricultura de subsistência, na pesca ou na pequena pecuária.

As atividades econômicas e o modo de vida em Porto Brandão estiveram, no passado, muito mais ligadas à terra que ao rio. O pequeno número de moradores vivia, principalmente, da cultura da cana-de-açúcar. Nessa época, a preservação das matas nativas não era considerada pela população, o que valia era a extensão de área plantada para atender à demanda das usinas de açúcar. No entanto, era digno de respeito, a utilização dos seus recursos era somente para o consumo. Hoje, em Porto Brandão, há um grande manejo e cuidados com áreas cultivadas, e existe a formação de pequena reserva de vegetação que é preservada para garantir a produção satisfatória das suas necessidades alimentares, enquanto que, para o rio, não obedece a esses padrões, é explorado incessantemente. A pesca predatória, mesmo com fiscalização constante na área, é realizada. O peixe tornou-se moeda na economia da população. A baía, os corixos e o próprio rio são procurados por vários pescadores com numerosas redes que rasteiam grande quantidade de peixes.

A natureza é percebida pela população como sendo tudo que "DEUS" criou e deixou. Deus e Natureza fundem-se em uma entidade. Há também a idéia de que a Natureza está associada com as variações da água, como foi referida pelo morador:

*"A natureza aqui em Porto Brandão é muito variada, às vezes ela é boa, às vezes ela castiga, então 'Deus' é que decide se vai ter muita água ou pouca água". (Sr. Argemiro Padilha)."*

A comunidade de Porto Brandão observa o reino vegetal, quando este traz algum benefício na alimentação, na saúde e bem-estar da população. Caso contrário, a vegetação constitui incômodo para as pessoas, como trazer bichos perigosos, sujeira e atrapalhar o espaço destinado à lavoura. Dotados de menos vida, os vegetais não são objetos de uma preocupação sistemática que os disponham em categorias, refletindo relações semelhantes ou dessemelhança de modo razoavelmente meticoloso, como ocorre em relação aos peixes.

As pessoas entrevistadas, classificam a vegetação em quatro categorias: mato, mata, planta e campo.

*"O lugar onde tá limpo, você faz a cerca, aí é campo, prá fora dele é "mato"(Odenil)."*

O campo é o local, pela denominação dos moradores, associado ao quintal e onde estão as criações e o pasto.

O mato, para a comunidade, pertence à natureza, isto é, nasce sem ter sido plantado pelo homem. Esse mato quando não mexido ou roçado, com o passar de muitos anos pode se transformar em mata. O mato, portanto, são compostos de vegetação mais baixa, menos densa, por invasoras ou sujeiras, como é referido no local. Na mata são encontradas as madeiras utilizadas nas construções, enquanto que, no mato, são encontrados os paus usados, geralmente, para fins medicinais ou para lenha.

Mato e planta sempre são colocados como opostos: o mato não tem serventia enquanto que as plantas são importantes, porque o homem só realiza o seu plantio se realmente apresentar alguma utilidade e, esta, necessita em parte, dos cuidados para o seu desenvolvimento, portanto, elas são raras, enquanto o mato não há necessidade de cuidados, por ser abundante e de fácil desenvolvimento.

A característica da vegetação ocorrente em Porto Brandão demonstra a total falta de interesse pela vegetação nativa, ou mato por parte da população. Esse comportamento é bastante visível, principalmente, nas margens do rio, que na sua maioria está todo desmatado.

A classificação zoológica centra-se no parâmetro da distância simbólica que os animais mantêm da sociedade, manifestando, portanto, as relações que o grupo social com ele estabelece. Tais relações podem ser de proximidade, cultivada em convivência diária, ou de afastamento, configurado em práticas de evitação (Silva, 1980).

Quanto à distribuição da fauna, a população de Porto Brandão a identifica em três habitats distintos: os da terra, da água e do ar.

A fauna terrestre é denominada de bicho e de animal. Os bichos seriam aqueles seres que vivem no mato ou mata ou nos campos, geralmente distantes do grupo social; seriam aqueles seres que se locomovem, se alimentam e reproduzem, vivem solto, independentes, sob os domínios da natureza.

Os bichos para a comunidade são divididos em seres úteis e em prejudiciais ao homem. Os úteis são usados para fins alimentares; e os que prejudicam, foram citados, em primeiro plano, a cobras, pela sua nocividade, são consideradas bichos de chão, sendo todas elas temidas pela população, principalmente a cascavel. Outro bicho de

chão, que não tem uma classificação zoológica determinadas pelos moradores, é a víbora, para eles, é só bicho de chão. Ela não é cobra, mas se parece com ela pelo seu veneno e sua língua; não é jacaré, mas parece ao jacaré, pelo seu corpo que é formado por placas; não é lagarto, porque é mais "croquento", isto é, a pele é mais grossa, mas parece ao lagarto porque tem quatro patas, cauda e formato de lagarto.

*" Eu acho que a `vibola' é venenosa por causa da boca que a gente vê tudo preto igual da cobra que esse `troço' que tem na boca e na língua é veneno, por isso que a gente fica com medo. Ela é igual a lagarto, só que ela é mais croquenta, igual ao jacaré, é braba, se a gente tiver na água e tiver passando por perto dela, ela vem na gente, ela mergulha. O lagarto não, se ele tiver no mato e a gente passá por perto dele, ele corre de nós, esse aí não corre, ele enfrenta (D. Sofia e Sr. Argemiro).*

Há também os bichos que não são perigosos, porém não são úteis ao homem; no entanto, são respeitados, como o macaco sauím, o quatro-olho, o barriga e o bugio, tipos ocorrentes no local. Todos os entrevistados disseram admirá-los.

*" animal é no sítio que nós criamos, o bicho é criado quase na natureza, mas aqui tá sendo pouco bicho prá nós, tudo isso diminuiu prá nós, desde de cobra diminuiu, acho que a mata ficou pouco, né! (Sr. Francisco).*

*" o bicho é brabo, o animal é manso, a gente monta nele, como o cavalo, a gente cria ele, tem ele a hora que você precisar dele, é diferente do bicho, o bicho passa aqui, não sabe aonde que ele está".(D.Sofia).*

A população elenca também alguns bichos que são de água, como o jacaré, a capivara e algumas aves. Todos esses bichos, citados, quando em água não causam danos ao homem, mas quando são encontrados em terra, podem ser prejudiciais(atacam a lavoura).

A denominação bicho do mato ou animal não é aplicada às aves, geralmente elas são enquadradas como pássaros de água e de terra. Os pássaros de terra em geral são aqueles que prejudicam a lavoura do homem, enquanto que pássaro de água é aquele que vive em contato com o rio. Muitos deles são respeitados e admirados pelo homem, como é o caso de inhuma e tuiuí.

*" aqui o tuiuí e a inhuma, ele é bonito, as pessoas ficam muito entusiasmado com ele(Odenil).*

*" Tem o tuiuí, esse daí não incomoda com planta, ele faz uma limpeza, chega numa baixada que tem os bichinhos que tá, ele faz uma limpeza, até a cobra ele come (Sr. Agripino).*

O taiamã também é muito admirado pelos pescadores, pois segundo eles, esse pássaro, anuncia o início da lufada (fartura de peixes).

" *O peixe alvoroçou (movimento) no rio, qualquer mudança da água, quem vem primeiro é o taiamã.* (sr. Odenil).

A população não classifica os peixes como bichos, uma vez que este não tem nenhuma relação com o mato ou mata; não se enquadra como animal, porque ele é criado na natureza, livre sem precisar dos cuidados do homem, portanto, a única classificação dada pelos pescadores é que peixe é peixe.

A relação do homem com a fauna local encontra-se em via de extinção. Essa colocação é bastante evidenciada na fala dos senhores Francisco e Eugênio.

"*Aqui nós tinha muito bicho, agora nós temos muito pouco, porque a mata está acabando* (Sr. Francisco).

" *Antes nós não conhecia a riqueza que temos aqui, agora que conhecemos estão destruindo, como o peixe, ele é igual a nós, tem corpo e sente dor, mas eles estão destruindo*"(Sr. Eugênio, faleceu meses após esta pesquisa).

Na verdade, a diminuição, o desaparecimento da fauna local, não é dada pela caça. Essa atividade é raramente realizada na comunidade. O que de fato está influenciando na relação homem x animal é a substituição do hábitat natural da fauna local por pastagens e lavoura. Portanto, o que se nota é a constante reclamação dos moradores que até a lavoura está se tornando impossível, pela invasão dos animais, principalmente roedores e aves.



**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ALLEM, A.C.; VALLS, J.F.M.. **Recursos forrageiros nativos do Pantanal de Mato Grosso**. Brasília: Embrapa-CENARGEN, 1987. (Embrapa-CENARGEM. Documentos, 8).
- BAKER, H.G. Las plantas y la civilizacion. México: Centro Regional de Ayuda Técnica, 1968. (Série Fundamentos de La Botânica).
- BROWN JR., K.S.. Zoogeografia da região de Pantanal Mato-grossense. In: SIMPÓSIO SOBRE RECURSOS NATURAIS E SÓCIO-ECONÔMICOS DO PANTANAL, 1., 1984, Corumbá. **Anais...** Brasília: EMBRAPA-DDT, 1986. p.137-178.
- CHILDE, V.G. **A evolução cultural do homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- DA SILVA, C.J.; SILVA, J.A.F. **No ritmo das águas do Pantanal**. São Paulo: NUPAUB/USP. 1995.
- DIEGUES, A.C.S. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. São Paulo: Ática, 1983.
- DIEGUES, A.C.S. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: NUPAUB-USP. 1994.
- DIEGUES, A.C.S. **Povos e mares: leituras em sócio-antropologia marítima**. São Paulo: NUPAUB-USP, 1995.
- RIBEIRO, D. **O processo civilizatório: estudos de antropologia da civilização; etapas da evolução sócio-cultural**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- SHAPIRO, H.L. (Org.). **Homem, cultura e sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- SILVA, V.P. **Variações diurnas de fatores ecológicos em quatro lagos naturais do "Pantanal Matogrossense" e seu estudo comparativo com dois lagos da**

**Amazônia Central e um lago artificial (Represa do lobo, "Broa").** São Carlos: UFSCar, 1980. Dissertação Mestrado.

XIMENES, T. **O barco na vida do ribeirinho:** embarcações, homens e rios na Amazônia. Belém. 1992.